



CHARLES S. PEIRCE E A CRISE DA REPRESENTAÇÃO NA LINGUAGEM DO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CASO DE DERRIDA

Otávio de Lima e Silva¹

Resumo: No século XX, abriu-se um campo muito rico para atuação de uma ciência nascente e muito profícua, a semiótica, em especial, a semiótica peirciana, como ferramenta de leitura e análise dos signos. Segundo Santaella e Nöth (2015, p. 22-23), muitos são os filósofos, após Peirce, que anunciam uma “crise da representação” na linguagem, como Heidegger, Adorno, Lukács e Lyotard. Outros autores, com menos ênfase, apresentam uma “perda da representação”, como Foucault (2000). No entanto, há teorias mais radicais, como a desconstrução da representação em Derrida. Apresentaremos, de modo sucinto, esta teoria de Derrida (1994; 1973) que defende uma impossibilidade da re-presentação como reprodução da apresentação ou *presentificação*. Em seguida, faremos uma análise crítica do caso de Derrida à luz da semiótica de Peirce (2019), no intuito de expor um dos desenvolvimentos posteriores do pensamento peirciano sobre este problema.

Palavras-chave: Crise da Representação. Derrida. Semiótica peirciana.

CHARLES S. PEIRCE AND THE CRISIS OF REPRESENTATION IN THE LANGUAGE OF THE XX CENTURY: A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE CASE OF DERRIDA

Abstract: *In the 20th century, a very rich field for the performance of a nascent and very fruitful science emerged, semiotics, especially Peircean semiotics, as a tool for reading and analyzing signs. According to Santaella and Nöth (2015, p. 22-23), there are many philosophers, after Peirce, who announce a “crisis of representation” in language, such as Heidegger, Adorno, Lukács and Lyotard. Other authors, with little emphasis, present a “loss of representation”, like Foucault (2000). However, there are more radical theories, such as the deconstruction of representation in Derrida. We will show, in a succinct way, this theory by Derrida (1994; 1973) that defends an impossibility of re-presentation as reproduction of the presentation or presentification. Then, we will make a critical analysis of Derrida's case in the light of Peirce's semiotics (2019), in order to expose one of the later developments of Peircean thought on this problem.*

Keywords: *Crisis of Representation. Derrida. Peircean Semiotics.*

¹ Bacharel em Artes Visuais (2011), graduando em Filosofia (Licenciatura) e mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (todos pela UFMS). Autor do livro “*Adão e Eva expõem Damien Hirst: uma análise dos símbolos sob a semiótica de Peirce*”, pela Editora Fi (2016). Bolsista CAPES. ORCID ID: 0000-0001-6334-6082.

1 A crise da representação na linguagem

A filosofia contemporânea, como demarcada por Wolfgang Stegmüller (2012, p. 4-10), foi um terreno fértil para o aparecimento de várias crises², entre elas, a crise dos fundamentos (GUALANDI, 2007, p. 76; ATEM, 2011, p. 2), a crise de fundamentação do teísmo filosófico³ (ESTRADA, 2003, p. 212-243), a crise das grandes narrativas (LYOTARD, 2002; NÖTH, 2003a, p. 10; GUALANDI, 2007, p. 70-77; SANTAELLA; NÖTH, 2017, p. 22), a crise do sujeito (ESTRADA, 2003, p. 220-223) e da identidade de gênero do sujeito (HALL, 2005), a crise da razão e da humanidade europeia (HUSSERL, 2008), a crise da ciência (HUSSERL, 2012), a crise da arte como ciência europeia (ARGAN, 2008, p. 507-649) e a crise da representação, tema do presente opúsculo.

A chamada crise da representação é, notadamente, uma consequência das diversas crises apresentadas pelos pensadores contemporâneos, mas que é abordada sob diferentes óticas e desdobramentos a partir do que alguns filósofos do século XX defendem: que a linguagem, do ponto de vista representativo, encontra-se em crise, como registrada por Nöth (2003a) e Santaella e Nöth (2017). Vários autores apresentam o tema da suposta crise da representação: Heidegger, Adorno, Lukács, Lyotard, Foucault, Baudrillard (NÖTH, 2003a, p. 10) e Derrida, chamando a atenção para pontos específicos da representação que, segundo suas respectivas análises, está em crise:

Os teóricos culturais e filósofos do pós-modernismo discutem sob o tópico “crise da representação” uma série de temas bastante variados. Por exemplo, temos a tese de G. Lukács da impossibilidade de representação do mundo na arte do século XX; a tese de Lyotard da perda de uma realidade que precede a representação em um mundo que se apresenta somente por frases, já que ele perdeu sua representatividade absoluta; e, finalmente, a visão de Heidegger da *repraesentatio* como um resultado de “trazer para si o existente como um contrário, relacioná-lo consigo próprio e, neste sentido, recuperá-lo para si como um campo decisivo” (SANTAELLA; NÖTH, 2017, p. 22-23, itálico dos autores).

Outro autor que podemos citar é Michel Foucault (1926-1984). Nos postulados de Foucault, apresentados n’*As palavras e as coisas* (2000), ele se debruça sobre a história do conhecimento forjando uma arqueologia do saber onde ele intenta reestruturar as ciências humanas, identificando uma ruptura nos modelos sígnicos ternários que

² Uma crise é uma ruptura da “uniformidade nos valores” (ABBAGNANO, 2007, p. 222-223) e “parece ser sempre o contrário de toda permanência e estabilidade” (MORA, 2000, p. 613).

³ Teísmo filosófico é a expressão usada por Juan António Estrada (2003, p. 212-243) para se referir à tradição filosófica que trata da existência de Deus a partir de demonstrações racionais sem apelo à fé, em oposição ao ateísmo filosófico.

passaram a ser diádicos a partir de Port Royal (XVII-XVIII) até o advento do estruturalismo de Saussure no século XX: “[...] os conteúdos empíricos foram separados da representação, quando eles revelaram o princípio da sua existência em si mesmos” (FOUCAULT *apud* NÖTH, 2005, p. 125). Nöth nota que Foucault defende uma perda da representação a partir desse momento, em que os signos, dentro do viés estruturalista, passam a se referir a si mesmos e não mais aos objetos da realidade (2005, p. 124-126). De forma geral, esse é um panorama resumido do tema da crise da representação, de acordo com as várias óticas supracitadas. No entanto, há teorias ainda mais radicais, como a desconstrução da representação sob a filosofia de Jacques Derrida (1930-2004). Apresentaremos, resumidamente, neste artigo, as teses de Derrida sobre a impossibilidade da representação. Chama-nos a atenção o caráter sógnico discutido nesta abordagem, o que atrai nossas lentes semióticas, a saber, a tese de Derrida sobre a crise da representação, em diálogo com Husserl e Saussure (DERRIDA, 1973, p. 49) e a acusação de Derrida acerca da impossibilidade da representação segundo o sistema semiótico de Peirce (DERRIDA, 1973, p. 55-60).

2 Derrida e a crise da representação em Husserl

O pensamento de Derrida sobre o problema da representação na linguagem está inscrito numa concepção estruturalista⁴. No que tange às questões relacionadas à representação, Derrida tem influências de Heidegger, Nietzsche, Husserl (DERRIDA, 1973; NÖTH, 2005, p. 127) e de Saussure (BARNOUW, 1981), apesar de tecer críticas a todos eles. Independente das variadas linhas filosóficas que se possa atribuir a Derrida, não se pode negar que “a raiz ou, no mínimo, o ponto de partida da sua filosofia textual é o estruturalismo, é a teoria do signo de Saussure” e seu método é a desconstrução (NÖTH, 2005, p. 127). Na sua crítica a Husserl, Derrida demonstra ter problemas com a distinção entre realidade e representação, o que para ele é tarefa impossível, alegando que essa distinção não se aplica à linguagem, porque ela é somente linguagem:

Husserl parece aplicar à linguagem a distinção fundamental entre a realidade e a representação. Entre a comunicação (indicação) efetiva e a comunicação “representada”, haveria uma diferença de essência, uma exterioridade simples. [...] Pode-se aplicar à linguagem esse sistema de

⁴ Os teóricos mencionados por Nöth n’A *Semiótica no Século XX* (2005) variam com relação a uma postura mais adequada para identificar Derrida. Para Harari (1979 *apud* NÖTH, 2005, p. 127), “sua posição é programaticamente pós-estruturalista”; segundo Frank (1984 *apud* NÖTH, 2005, p. 127), o filósofo francês é um neoestruturalista; e de acordo com Harland (1987 *apud* NÖTH, 2005, p. 127), Derrida é um superestruturalista.

distinções? Seria necessário, primeiro, supor que, na comunicação, na prática dita “efetiva” da linguagem, a representação (em todos os sentidos da palavra) não fosse essencial e constituinte, que ela fosse apenas um acidente acrescentando-se eventualmente à prática do discurso. Ora, há razões para crer que, na linguagem, a representação e a realidade não se acrescentam aqui ou ali pelo simples motivo de que é impossível, em princípio, distingui-las rigorosamente. E não há, sem dúvida, razão para dizer que isso se produz *na* linguagem. A linguagem, em geral, é isso. Apenas a linguagem (DERRIDA, 1994, p. 58-59, itálicos do autor).

Derrida não é claro com a tautologia que produz (linguagem = linguagem), em que ela aparece como brecha para não a definir como representação *ou* realidade, ou representação e realidade⁵. A linguagem parece flutuar como uma abstração que não se encaixa nem em uma ou outra coisa, como um não ser ou não conceito, à semelhança de seu não conceito de *différance* do signo que funciona como uma ausência⁶. Importa ter em mente essa impossibilidade defendida por Derrida de distinguir representação e realidade, o que o coloca em confronto com Peirce, por conta da postura antinomialista peirciana⁷: “Peirce rejeitava o nominalismo, que é a visão segundo a qual somente particulares são reais” (DE WAAL, 2007, p. 53). Para Peirce, não somente alguns gerais são reais, mas também a “significação de uma concepção pode ser [...] ligada a um geral, e não a particulares” (DE WAAL, 2007, p. 131). Tendo a semiótica peirciana uma base metafísica (ontológico-realista) assim como muitas lógicas anteriores (CP 2.37; CP 2.38; CP 2.128), ela investiga a realidade da terceiridade, supondo que “há algo de natureza geral na exterioridade ao qual nosso pensamento se conforma” (IBRI, 2015, p. 38).

Nöth (2005, p. 128-129, grifos do autor), no tópico *A desconstrução do signo* representativo por Derrida, explica que,

⁵ Para Peirce, “Realidade é um modo de ser em virtude do qual as coisas reais são como elas são, independentemente do que qualquer mente ou coleção definida de mentes possam querer representar essas coisas reais” (CP 5.565 — CP designa os *Collected Papers*, o primeiro número indica o volume e o segundo, o parágrafo). Representação e realidade são, pois, duas coisas completamente distintas. Esta confusão derridiana entre ambas não existe em Peirce, que separa bem o que é signo e o que é objeto, base ontológica de seu sistema signico.

⁶ “Foi já necessário acentuar *que a différence não é, não existe, não é um ente-presente, qualquer que ele seja; e seremos levados a acentuar o que ela não é, isto é, tudo; e que, portanto, ela não tem nem existência nem essência. Não depende de nenhuma categoria do ente, seja ele presente ou ausente*” (DERRIDA, 1991, p. 37, itálicos do autor).

⁷ Para um panorama sobre os problemas do nominalismo na perspectiva filosófica realista de Peirce, ver FORSTER, Paul. **Peirce and the treat of nominalism**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2011; MADEIRA, Marcelo S. Charles Sanders Peirce: realismo e conhecimento falível. In: GHIZZU, Eluiza Bortolotto *et al.* **Sementes de pragmatismo na contemporaneidade**: homenagem a Ivo Assad Ibri. São Paulo: FiloCzar, 2018.p. 215-224.

Em conflito com Husserl, Derrida criticou “o *status* da representação no sentido geral de imaginação, mas também no sentido de re-presentação como repetição ou reprodução da apresentação, como *presentificação*⁸ que ocupa o lugar de uma ‘outra imaginação’”. De acordo com a filosofia crítica da presença de Derrida, a representação não pode ser uma presentificação no sentido de uma repetição de algo presente anteriormente. Ela “não é a modificação de um acontecimento de uma apresentação original”. Por um lado o representado mesmo é um signo, “pois a re-presentação deve representar uma apresentação entendida como imaginação”. Por outro lado, cada repetição ou *iterabilidade* do signo já significa a modificação deste signo em um processo no qual não pode existir nem uma primeira nem uma última vez. Portanto, a diferenciação “entre a simples presença e a repetição, sempre já começada, deve ser apagada”. Derrida opõe à ideia da presença fenomenológica como último ponto de referência da representação o seu conceito da *différance* e isto significa o adiamento infinito da presença e a diferença in anulável dentro do signo que, dividido em si mesmo, leva consigo vestígios de outros signos.

Este excerto diz respeito à crítica que Derrida faz à teoria dos signos apresentada por Husserl na obra *A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl* (1994). Segundo Nöth (2003a, p. 12, tradução nossa), “a crise da representação no contexto da fenomenologia é a crise da ideia de presença e apresentação diante da descoberta da ideia de semiose ilimitada”, ideia peirciana que será apresentada mais adiante.

A crítica de Derrida da visão fenomenológica da representação concentra-se na ideia de presença inerente à ideia de “re-apresentação”. De acordo com a filosofia da presença de Derrida, a representação não é de forma alguma a repetição de algo previamente presente (NÖTH, 2003a, p. 12, tradução nossa).

No entanto, a mesma fundamentação estruturalista de que Derrida se serve para criticar Husserl é acoplada também nas suas críticas contra o modelo sógnico de Peirce⁹

⁸ Para Derrida (1973, p. 13), *apresentação* é o modo como algo se manifesta, estando no campo da fenomenologia; *presentificação* é como o objeto (*Gegenstand*) se torna presente na consciência do sujeito ou diante dele, estando no campo da metafísica; *re-presentação* (*Vergegenswärtigung*) ou *re-apresentação* é trazer à tona uma presença que já esteve presente anteriormente, é o retorno “da presença de um objeto temporal cuja identidade” se repete.

⁹ O modelo sógnico de Peirce é triádico, baseando-se na percepção de que, entre os fenômenos, há três categorias universais de elementos (CP 1.418): primeiridade (*firstness*), secundidade (*secondness*) e terceiridade (*thirdness*). A noção geral de signo “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PEIRCE, 2019, p. 46) e cria na nossa mente um signo equivalente ou mais desenvolvido, denominado por Peirce de *interpretante*. Ele é “tudo aquilo que está relacionado com uma segunda coisa, seu objeto, com respeito a uma qualidade, de modo tal a trazer uma terceira coisa, seu interpretante, para

(CP 1.418). O que Derrida intenta é afirmar a existência de uma crise da representação fazendo uso: 1) da fenomenologia de Husserl; 2) da noção saussuriana de signo linguístico; 3) da semiose ilimitada de Peirce. A seguir, faremos uma análise crítica do caso de Derrida à luz da semiótica de Peirce (2019), no intuito de expor um dos desenvolvimentos posteriores do pensamento peirciano sobre este problema.

3 Derrida, a crise da representação e a filosofia de Peirce

A crise da representação parece ter sido um corolário bem conhecido por Derrida. Tendo sido leitor de Nietzsche, Husserl, Heidegger, Lyotard, Foucault, não é irrazoável supor que ele estivesse se servindo dessa temática para imputar uma suposta crise no modelo semiótico de Peirce. Duas questões são colocadas por Wirth (2003, p. 35, tradução nossa, grifos do autor) aos defensores da crise da representação:

Aqueles que entendem por ‘crise da representação’ um *Paraíso Perdido* semiótico onde os objetos não são mais objetos e os signos perderam seu poder de representar são confrontados com duas questões: (1) É realmente uma característica do ‘inferno pós-moderno’ que os signos perderam seu poder de representar *qualquer coisa* ou os signos talvez tenham ganhado o poder de representar *tudo*? (2) Essa situação pode ser chamada uma *crise* de representação em tudo ou, em vez disso, é a crise de um certo modelo semiótico de representação? É a crise de um modelo que pressupõe que os signos representam os objetos e pensamentos de uma maneira bem definida, convencionalmente codificada e que determina o escopo das formas adequadas de usar os signos e o alcance de sua adequada interpretação?

Pettigrew (1996, p. 365) conta que “na década de 1950, Jacques Derrida recebeu uma bolsa para passar um ano em Harvard, onde, entre outros projetos, estudou a obra de Charles S. Peirce”. Após aproximadamente dez anos, Derrida lança sua *Gramatologia* referindo-se a Peirce apenas marginalmente. Derrida (1973, p. 59-60) enxerga que há uma crise no modelo semiótico de Peirce e dedica um capítulo inteiro de sua *Gramatologia (Linguística e Gramatologia)* para criticar as idéias de Saussure (2013) e, como pano de fundo de sua teoria desconstrucionista, reside a assimilação da concepção saussuriana de signo, que é por onde o filósofo francês se baseia para realizar sua leitura de Peirce. A semiose ilimitada peirciana torna-se uma desconstrução exacerbada na leitura de Derrida (1973, p. 59-60, *itálicos do autor*):

uma relação com o mesmo objeto” (PEIRCE, 2019, p. 28). Todo signo determina um interpretante (que é outro signo), formando uma justaposição de signos (PEIRCE, 2019, p. 29).

Peirce vai muito longe em direção ao que chamamos mais acima a desconstrução do significado transcendental, que, num ou outro instante, daria um final tranquilizante ao reenvio¹⁰ de signo a signo. Identificamos o logocentrismo e a metafísica da presença como o desejo exigente, potente, sistemático e irreprimível, de um tal significado. Ora, Peirce considera a indefinidade do reenvio como o critério que permite reconhecer que se lida efetivamente com um sistema de signos. *O que enceta o movimento da significação é o que torna impossível a sua interrupção. A própria coisa é um signo.*

Derrida acaba por transformar Peirce num desconstrucionista *avant la lettre*. A ideia de desconstrução em Peirce é anacrônica, uma vez que ela nasce em Derrida e não pode ser aplicada retroativamente, porquanto Peirce nunca usou esse conceito. Derrida (1973, p. 59-60) entende a semiose ilimitada como uma noção de que a geração ininterrupta de signos sucessivos adia para sempre a ideia de um signo resoluto e, dessa forma, a própria semiose infinita desconstrói a ideia de signo de tal modo que, “se todo signo escapa a uma determinação do seu significado pela continuação incerta daquilo que ele significa, a semiótica não seria capaz de falar sobre os significados dos signos” (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p. 46). John Searle (1977 *apud* ECO, 2016, p. 335) chega a dizer que “Derrida tem uma deplorável propensão para dizer coisas que são obviamente falsas”. Umberto Eco, em sua obra *Os limites da interpretação* (2016), dedica dois tópicos (*Semiose Ilimitada e Desconstrução e Derrida a propósito de Peirce*) para falar sobre esse problema semiótico entre Peirce e Derrida. Umberto Eco levanta uma suspeita séria sobre se Peirce teria ficado satisfeito com a interpretação de Derrida de sua semiose ilimitada: “Será legítimo dizer que a deriva infinita de que fala a desconstrução é uma forma de semiose ilimitada no sentido de Peirce?” (ECO, 2016, p. 332). A resposta é obviamente negativa¹¹. Sobre o conceito de semiose ilimitada, Peirce discorre da seguinte forma:

¹⁰ Do original francês renvoi, preferimos o termo “reenvio” do que as traduções “remessa” (brasileira), “referência” (inglesa) ou “remissão” (tradução italiana) por não trazerem o sentido de adiamento do signo. Por significado transcendental, Derrida (1973, p. 24) entende a relação mental que distingue significante e significado de forma irredutível e absoluta.

¹¹ “Não há dúvida de que Peirce defende a ideia da semiose ilimitada [...]. Peirce não podia fazer outra coisa já que estava assumindo (como fez em “Questions Concerning Certain Faculties Claimed for Man”, CP: 213-263) que não temos nenhum poder de introspecção e que todo o conhecimento que temos a respeito do mundo interior nos vem do raciocínio hipotético; que não temos o poder da intuição e que toda a nossa cognição é determinada por cognições precedentes; que não temos nenhuma possibilidade de pensar sem produzir signos; que não temos qualquer concepção do absolutamente incognoscível. Nem por isso a deriva desconstrucionista e a semiose ilimitada podem reduzir-se a conceitos equivalentes” (ECO, 2016, p. 335).

Qualquer coisa que determine que algo mais (seu interpretante) se refira a um objeto ao qual ele mesmo se refere (seu objeto) da mesma maneira, o interpretante tornando-se, por sua vez, um signo, e assim por diante, *ad infinitum*. Sem dúvida, a consciência inteligente deve entrar na série. Se a série de interpretantes sucessivos chega ao fim, o signo torna-se então imperfeito, pelo menos (CP 2.303, tradução nossa).

Todo signo gera um interpretante, que é signo de outro signo e, assim, o processo semiótico continua sucessivamente com potência ao infinito. No entanto, a semiose ilimitada não se trata de um “círculo vicioso de signos, que continuam na incerteza daquilo que eles significam. Isto porque o signo é determinado pelo objeto que insiste na semiose” (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p. 46-47). Na semiose ilimitada, “aquilo que é representado é da natureza de um signo em si, ou seja, algo nunca imediatamente presente, mas que contém os vestígios de outros signos em si no deferimento ilimitado da presença”, que Derrida nomeou de *différance* (NÖTH, 2003b, p. 12, tradução nossa). Dessa forma, a crítica de Derrida à semiose ilimitada de Peirce não procede:

Como cada signo cria um interpretante que, por sua vez, é *representamen* de um novo signo, a semiose resulta numa ‘série de interpretantes sucessivos’, *ad infinitum* (CP 2.303, 2.92). Não há um ‘primeiro’ nem um ‘último’ signo neste processo de semiose ilimitada. Nem por isso, entretanto, a ideia de semiose infinita implica um círculo vicioso. Ao contrário, refere-se à ideia muito moderna de que ‘pensar sempre procede na forma de um diálogo [...] [que] se compõe essencialmente de signos’ (CP 4,6) (NÖTH, 2003a, p. 72).

À guisa de conclusão

No âmbito fenomenológico, o que Derrida cognomina como *crise da representação* “é a crise da ideia de presença e apresentação diante da descoberta da ideia de semiose ilimitada” (NÖTH, 2003b, p. 12). A leitura de Derrida da semiótica de Peirce (e, em particular, do conceito de semiose ilimitada) é tipicamente como um nominalista saussuriano enxerga a semiose. É sob esse viés que ele realiza a sua crítica. Servindo-se da noção de signo linguístico saussuriano, cujas características “são sua estrutura bilateral, sua concepção mentalista, a exclusão da referência e a concepção estrutural da significação”, faz oposição a sistemas signos triádicos, o qual o de Peirce se inclui (NÖTH, 2005, p. 28). Na concepção mentalista, “Tanto o significante quanto o significado são entidades mentais e independentes de qualquer objeto externo na teoria saussuriana do signo” (NÖTH, 2005, p. 30). Se o objeto real ou dinâmico não participa

do processo semiótico e está confinado à arbitrariedade da mente, então todos os signos são mentais (conceito + imagem acústica). Para Saussure (2013, p. 80), “O signo linguístico une não uma coisa [*chose*] e uma palavra [*nom*], mas um conceito e uma imagem acústica”, excluindo assim o objeto real. Ao assumir essas bases na interpretação da semiose peirciana (que é triádica e cujas faces simultâneas incluem o objeto real), Derrida fica sem condições de alcançar o significado como fenômeno da semiose infinita, onde o objeto desempenha um papel fundamental.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. A crise da Arte como “Ciência Europeia”. *In*:_____ **Arte Moderna**: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. Trad. Denise Bottmann; Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ATEM, Guilherme Nery. A linguagem e a crise da “crise da representação”. *In*: **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**, 2011. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=2030. Acesso em: 14 nov. 2020.

BARNOUW, Jeffrey. Signification and Meaning: A Critique of the Saussurean Conception of the Sign. **Comparative Literature Studies**, Penn State University Press, v. 18, n. 3, p. 260-271. set. 1981. [Papers of the Seventh Triennial Meeting of the American Comparative Literature Association] Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40246264>. Acesso em: 26 nov. 2020.

BRAGA, Lucia Santaella. **Why there is no crisis of representation according to Peirce**. 2013. Disponível em: https://www.pucsp.br/~lbraga/fs_curr_comp.htm. Acesso em: 10 out. 2020.

DE WAAL, Cornelis. Peirce e o princípio do pragmatismo; Peirce revisitado: a virada normativa. *In*:_____ **Sobre pragmatismo**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman; Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1973.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim T. Costa; Antônio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno**: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ESTRADA, Juan Antonio. A crise de fundamentação do teísmo filosófico. *In*: _____ **Deus nas tradições filosóficas, Vol. II**: da morte de Deus à crise do sujeito. Trad. Maria A. Diaz. São Paulo: Paulus, 2003. (Coleção *Filosofia*)

FORSTER, Paul. Nominalism as demonic doctrine. *In*: _____ **Peirce and the treat of nominalism**. New York: Cambridge University Press, 2011.

FOULCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Selma Tannus Michail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUALANDI, Alberto. **Lyotard**. Trad. Anamaria Skinner. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. (Coleção *Figuras do Saber*, n. 19)

HALL, Stuart. A identidade em questão. *In*: _____ **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Covilhã: Lusosofia Press, 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/husserl_edmund_crise_da_humanidade_europeia_filosofia.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Trad. Diogo Falcão Ferrer. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção “*Ensaios Filosóficos*”)

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MADEIRA, Marcelo S. Charles Sanders Peirce: realismo e conhecimento falível. *In*: GHIZZI, Eluiza Bortolotto *et al.* **Sementes de pragmatismo na contemporaneidade**: homenagem a Ivo Assad Ibri. São Paulo: FiloCzar, 2018. p. 215-224.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia, Tomo I (A-D)**. Trad. Maria Stela Gonçalves *et al.* São Paulo: Loyola, 2000.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2003a. p. 59-91. (Coleção “E” — [*Ensaaios, Estudos, Esboços*], n. 3)

NÖTH, Winfried. Crisis of representation? **Semiotica** — Journal of the International Association for Semiotic Studies (Stephanie Walsh Matthews ed.), Berlin; New York: Mouton de Gruyter, n. 143, p. 9-15, jan. 2003b. Disponível em: https://www.academia.edu/16851327/Crisis_of_representation. Acesso em: 03 nov. 2020.

NÖTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção “E” — [*Ensaaios, Estudos, Esboços*], n. 5)

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Introdução à Semiótica**. São Paulo: Paulus, 2017.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Edited by Charles Hartshorne; Paul Weiss; Arthur Burks. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-1935; 1958. 8 vols. [edição eletrônica]

PETTIGREW, David E. Peirce and Derrida: From sign to sign. *In*: COLAPIETRO, Vincent M.; OLSHEWSKY, Thomas M. **Peirce's Doctrine of Signs**: Theory, Applications, and Connections. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 365-378. (Coleção “Approaches to Semiotics”, n. 123). Disponível em: <https://pt.booksc.xyz/book/67794494/28902c>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. Imagem como representação visual e mental. *In*: _____ **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2017. p. 15-34.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. A. Chelini *et al.* 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A Filosofia Contemporânea**: uma introdução crítica. Trad. Adaury Fiorotti *et. al.* 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

WIRTH, Uwe. Derrida and Peirce on indeterminacy, iteration, and replication. **Semiotica** — Journal of the International Association for Semiotic Studies (Stephanie Walsh Matthews ed.), Berlin; New York: Mouton de Gruyter, n. 143, p. 35-44, jan. 2003. Disponível em: <https://sci-hub.do/10.1515/semi.2003.011>. Acesso em: 04 nov. 2020.